Ano II — Faro, Sabado 20 de Setembro de 1913 — Numero 148

DIRETORES E PROPRIETRIOS
Lyster Franco e
João Pedro de Sousa

ADMINISTRADOR,
João Pedro de Sousa
EDITOR,
Lyster Franco
PUBLICA-SE A'S QUARTAS E SABADOS

O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

REDAÇÃO, ADMINISTRÇÃO,
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tipografia do Heraldo
RUA 1.º de Dezembro
FARO

ASSINATURAS
25 numeros..... 50 centavos
COMUNICADOS E ANUNCIOS
Cada linha 2 centavos. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial.

POLITICA INTERNACIONAL

Relações comerciaes entre Portugal e a Hespanha

Enlevados quanto ás questões de Marrocos pelo sr. Romanones, presidente de conselho do visinho reino, os jornalistas hespanhoes que. desde longa data, veem lutando com falta de assunto, bateram as palmas de satisfação ao som do mote que, sobre as negociações entaboladas entre os dois paizes da peninsula, lhes deu o jornal *A Ditadura*.

O entendimento comercial das duas nações estava prestes a estreitar-se em bases mais suaves do que as do atual tratado. Os estudos haviam-se feito com a perseverança propria dos trabalhos aturados e melindrosos. As dificuldades eram, porem, supridas pela boa vontade que havia dum lado e doutro.

Os laços que comercialmente nos uniam á Hespanha tornavam-se com certeza mais estreitos, com tendencias dominantes e assaz uteis para o desaparecimento a breve trecho das fronteiras comerciaes.

Vivendo lado a lado, amigos e satisfeitos, os dois paizes tinham á lucrar, e bastante, com a creação da mesma base de troca mutua, limando as agudas arestas que para um e outro, especialmente para nós, ocasionavam um atrito delituoso.

Nem se diga que assim não era, porque, enquanto outros portuguezes, de preferencia os transmontanos e os minhotos, recebiam da Hespanha as emanações putridas duma conspiração politica, torpe e infame, nós, os algarvios, bem soubemos quantas dificuldades alterosas se nos levantavam das bandas do mar, determinadas pela presença constante e incomoda dos galeões hespanhoes.

Para tudo isso olhavamos agora, com olhos de ver e conciencia de quem defende um sacratissimo direito. O nosso orgulho de meridionaes, acalentando-se nas recordações dum passado glorioso, esculpido a letras brilhantes na historia da humanidade, egualava-se ao dos hespanhoes, que, como nós, se houveram sempre com distinção e galhardia. Nuno Alvares, o condestavel, abraçava intimamente Cid, o campeador.

Irmanados geograficamente e no decorrer da historia, pretendiamos nós pôr de lado todos os dissentimentos, para só olharmos um futuro risonho e venturoso, que, sem mesmo provocar simples arrufos, se podesse tornar utilitario para os povos das duas nações. E estes, que sempre foram, inconcientemente, o ludibrio dos grandes politicos, eram afinal quem mais vinha a lucrar pelo novo estado de coisas.

A par duma vida mais facil e mais barata,—facil pela extinção das peias que a cada passo estorvavam os comerciantes, e mesmo quem exercia outros misteres, mais barata pelo desaparecimento de taxas quasi proibitivas que se lançavam em muitos produtos de primeira necessidade—, as duas nações, cobertas pelo mesmo ceu venturoso, cimentavam entre si um pacto de grandissimo valor, que era sem duvida a base inicial duma defeza comum, de vantagens seguras.

Tudo deslisava assim, neste remanso de boas vontades e relações amistosas, quando, inesperadamente, como um petardo atroador, explodiu o artigo alarmante da *Ditadura*.

Noutras ocasiões, quando o congresso hespanhol estivesse aberto, tudo se restringiria ao minimo, esbatendo-se a questão de encontro aos variados interesses das diferentes regiões ahi representadas pelos seus eleitos. Em poucas palavras se ponderariam os inconvenientes da campanha, que já hoje se sabe ter sido provocada pelos mais insignificantes e mesquinhos interesses de quaesquer emprezas.

Ao contrario, neste periodo de calmaria politica, em que tudo está saboreando os prazeres da vilegiatura, e os jornaes teem de preencher com coisas varias as suas paginas, o caso faz sensação, e tanta sensação já fez, que dele se tem ocupado toda a imprensa do paiz visinho. Toda sem exceção. E se no caso se meteram alguns jornalistas, com a sinceridade que os caraterisa, outros ha que o fizeram, cientes de que esta questão lhes proporcionaria efeitos politicos.

Sabemos que a Hespanha é profundamente reacionaria. O seu exercito, como em geral todo o seu funcionalismo, o seu comercio, a sua industria, tudo, tudo enfim tem o seu quê de reacionario. Só o povo é liberal, mas ainda esse está peor do que o nosso, ao tempo da Revolução.

Alguns jornaes entraram, pois, na contenda, com o fim de nos ferirem mais intimamente, esmagando o nosso orgulho de portuguezes. A nossa Republica magoa-os, incomoda-os, cria-lhes engulhos,—essa a causa dos seus ataques. Mas a nossa correção, que de modo nenhum se pode dizer submissão, tem-nos desarmado. E o que é certo é que os liberaes já reconheceram o logro em que cairam, e os outros caem ante a diplomacia dos nossos negociadores.

Perante os factos e os numeros não ha que duvidar. A Hespanha, comercialmente, precisa mais de nós, do que nós dela. Portugal é o seu melhor freguez. Compreende-se desta forma que o sacrificio que nos impõe qualquer tratado de comercio sobreleva ao que por nossa parte queiramos impor á Hespanha. Como é então que ela ainda pretende tirar-nos as poucas vantagens que nos restavam do tratado cuja vigencia termina dentro de dez dias, no fim deste mez?!

Nem tanto ao mar... porque quem muito quer, muito perde. Sobre o tratado que vigora, só nós temos direito a exigir modificações favoraveis. Nem certamente deixaremos de as exigir, e o penhor seguro de que os nossos interesses estão sendo olhados com a atenção que o caso requer, temo-lo nas grandes aptidões e no trabalho insano do dr. Antonio Macieira, nobre ministro dos negocios estrangeiros, que nem mesmo se poupou á ardua tarefa de descer até junto dos verdadeiros interessados, para ouvir as razões que lhes assistem.

NOTAS E COMENTARIOS

Os tartufos e a Igreja

A Verdade, o tal quinzenario das *santas creaturas* da Fuzeta, Luz de Tavira e Moncarapacho, querendo provar a existencia de Deus, sae-se com esta:

«Todas as estrelas que tu ves e muitas mais ainda que tu não ves, foi Deus que as creou. Foi Deus que creou todas as coisas».

Foi ele que creou todas as coisas? Pois bem: daremos á *Verdade* um cheque de vinte mil indulgencias plenarias, se fôr capaz de nos dizer quem foi que creou Deus.

A mesma *Verdade*, com toda a sua hipocrisia, da tal hipocrista que revolta os nervos, afirma que uma creancinha de 2 anos, cega de nascença, curou por milagre numa das irrisorias procissões de Lourdes, e vae até ao desplante de dizer que *a este milagre e a varios outros assistiu como testemunha ocular o bispo desta diocese.*

Onde chega o cinismo destas repelentes creaturas, que, para darem alento á sua vida de ficções e embustes, pregam mentiras que eles forjam por escarneo da verdade e florescimento da sua grei! E para que os ingenuos e parvos mais facilmente deem credito ás suas monstruosas fantasias, invocam para este caso o testemunho do bispo desta diocese, como se um bispo que pretenda sancionar taes disparates, seja uma creatura de vergonha e de dignidade!

Fóra com eles!

Boatos

De quando em vez recrudescem os boatos de natureza politica, respeitante á perturbação dos espiritos em Portugal.

Não ha que admirar.

Houve sempre pescadores de aguas turvas, mas hoje estão bem guardados os cofres publicos. Podem os boateiros continuar a sua ingloria tarefa, que não tardará que de vez sejam corridos, mesmo por aqueles que ainda caiem em lhes dar credito. De resto, assim vai acontecendo já, pois que os varios boatos que vão aparecendo, de pressa se esvaem pelo descredito a que toda a gente os vota. A sociedade portugueza anceia a paz fomentadora da riqueza publica. Compreende que a ordem é o regimen do progresso e porque assim é, embora tenha uma forte inclinação para o imprevisto, vai-se dispondo a fruir, dentro das prometedoras instituições, o logar que lhe compete no concerto das nações civilisadas.

Danado

Um dos alcatruzes da nora evolucionista, chamado Alfrédo Pimenta, precisa de concerto radical, pois anda completamente avariado e já não tira agua que se veja. Como um possesso, o homenzinho gesticula e grita, descompondo a tudo e a todos porque ninguem o atende. De facto, ha uma temporada para cá, o estafado alcatruz não faz outra coisa que não seja lançar bilis no taboleiro da sua nora. Mas o destino quer que ninguem olhe *com olhos de ver* para tais escorrencias.

E é por isso que o homenzinho está cada vez mais lunatico!

Trampolineces

A *Soberania do Povo*, que sae á luz do dia na vila de Agueda, era um jornal monarquico. Proclamada a Republica, deitou, sete dias depois, um artigo furioso contra as velhas e ominosas instituições e contra o rei poltrão que até ali *muito honradamente* defendera, e aderia *com toda a sinceridade* ás belas instituições que passavam a regular os destinos do paiz. Assim viveu, até que um dia, constando-lhe que se fizera o casamento desse mesmo rei deposto, embandeirou a sua fachada e, dando o dito por não dito, escreveu um pomposo editorial, *associando-se jubilosamente aos portuguezes que teem a firme esperança de ver o sr. D. Manuel restituido á plena posse do seu trono.*

E' assim mesmo que procedem os homens que não teem carater. E já que esta folha despresivel assim procedeu, aqui lhe votamos o estigma da nossa repulsão.

Respondendo

O correspondente de Faro para o *Socialista*, plumitivo que não temos a honra de conhecer, diz a nosso respeito coisas extraordinarias que, francamente, não deslustram a nossa pessoa, mas que em verdade são menos verdadeiras ou menos exatas.

Fala em coisas do *Centro*, coisas sobre que temos sido abstemicos, para não ferir suscetibilidades nem agravar situações: E já agora, esta simples alusão e nada mais.

O correspondente, que por certo não desconhece o autor desta prosa, chega a fazer a picaresca afirmação de que nos inculcamos sectarios do *anarquismo!!!* Ora, perante afirmações desta ordem, tão fantasiosas e gratuitas, que resposta lhe poderemos dar?

Tambem se julga no direito de bulir na questão que levantamos sobre a fortuna de Bebel. Leia o nosso antagonista as considerações que fazemos noutro eco, por tabela ao jornal de que se diz correspondente. E para que lhe não fique nenhuma duvida, sempre lhe diremos que a fortuna desse grande socialista *foi arranjada como em geral o são as fortunas da burguezia:* pelo proprio trabalho, na venda dos seus livros, e pelo trabalho dos outros, na aquisição duma herança bastante regular.

Estão verdes

Dizem-nos que um certo homem publico fez a declaração perentoria de que não queria o poder.

Ora essa! Mas se ninguem o anda a oferecer e se nem ele mesmo tem forças para o sustentar, para que anda o rábula a troçar com as tropas!? Diga antes, como a raposa: *Estão verdes!*

A ilusão que assim infundirá aos seus poucos partidarios não será mais suscetivel de realidade pratica, mas ao menos vae-lhes dando a esperança de que as condições amadureçam.

E entretanto, sempre se podem ir entretendo com a verdura...

O «Dia» e a «Republica»

Como dois pequenos gatos, estes *bons* jornaes confraternisam continuadamente nos arduos labores duma oposição artificial, feita ao partido que eles sabem estar cheio de vida e aprestado para a profunda reorganisação de que carece a sociedade portugueza. Abraçam-se, beijam-se, choram as mesmas dores, riem das mesmas alegrias. As amabilidades que entre os dois se trocam teem sido duma suspeição irrefragavel para quem os supõe intimamente ligados, não porque defendam a mesma causa, mas porque anceiam o mesmo fim, a queda de quem lhes chegou, chega e ha de chegar agua pela barba.

Não obstante irmanarem-se na luta desnorteadora que falsamente lhes sorri, como bons irmãos que parecem, ás vezes ferram-se mutuamente as unhas e com tal gana, que fazem nascer em quem os observa, a suposição duma inimizade perduravel. Mas não... aquilo passa e logo se fazem mais amiguinhos para desferir o mesmo bordão! Se eles não teem vergonha!

Professorado primario

Sempre, em todos os tempos, nos mereceu a maxima atenção e o maximo carinho a mui nobre e distinta instituição dos professores primarios.

Almas cheias de devoção pelo bem da Humanidade, os professores primarios, que tão sublimemente sabem fazer desabrochar para a vida os cerebros das creancinhas, os professores primarios que, nessa missão augusta do ensino, arrastam o maior fardo que hombros humanos podem aguentar, eles, os martires das maiores dedicações, começaram a reconhecer que alguem ha em Portugal que vela pela sua sorte, eles, os parias das antigas instituições. 240 professores acabam de ser aposentados e sê-lo-ão brevemente mais 100.

Isto é alguma coisa que se vê, mas, quanto a nós, será o principio da justiça que se deve a estes grandes trabalhadores.

Adesão dum adesivo

Noticiava ha dias a *Luta* que aderiu á politica do sr. Camacho, o sr. dr. Manuel de Castro, que por sinal já fazia parte do grupo unionista.

A gente pasma com tantas adesões, mas não ha de que duvidar, pois é o proprio orgão do partido quem descreve a *cena comovedora*.

CANCIONEIRO DO POVO

Puz um pé na sepultura,
Uma voz me respondeu:
Tira o pé, que estás pisando
Um amôr que já foi teu.

Quem disser que a vida acaba,
Digo-lhe eu que nunca amou;
Quem deixou ficar saudades
Nunca a vida abandonou.

DEMOLINDO

A SEPARAÇÃO E A REPUBLICA

(*Excerto dum artigo*)

A liberdade da terra, que o genio de Mousinho da Silveira antevira como o fator capital da liberdade politica, completa-se pela liberdade religiosa. Em face da teocracia romanista, do jesuitimo que a domina e do proprio carater absorvente, autocratico, peculiar a todas as confissões religiosas, um unico criterio se impõe como devendo constituir a base cientifica do regimen regulador das relações do Estado e de quaesquer igrejas. A *separação* é o regimen que os organismos democraticos devem buscar como sendo aquele que melhor afirma a soberania do poder civil, e de modo mais eficaz assegura o principio da liberdade das conciencias. «Na luta pela civilisação—escreve Haekel—o pensamento dominante que devia ter-se em mira era separar em absoluto a igreja do poder civil.»

Repulsos, portanto, todos os sistemas de sobordinação da igreja ao Estado, ou do Estado á igreja, ou ainda de aliança. «Hoje—diz Briand—não ha ninguem que possa contestar seriamente que a neutralidade do Estado em materia confissional não constitua um *desideratum* de todas as sociedades modernas.» Ao invés do estado antigo, que tinha uma religião, que era (como o nosso, por exemplo) um *estado catolico*—o Estado atual não patrocina crença ou seita alguma. O estado mantem-se como simples coordenador de todas as funções e modos de ser sociaes. «Não mais ingerencia eclesiastica em nada que constitua ato civil—escreve Minghetti—e não mais ingerencia governamental em nada que seja caracteristicamente religioso.» Subordinar o Estado ás egrejas, ou as igrejas ao Estado, equivaleria a aniquilar os principios da liberdade. Crentes e não crentes teem jus ao mesmo direito. Submeter á mesma igualdade perante a lei, não privilegiar—eis o unico regimen compativel com a democracia.

E' justo Morselli quando afirma que «a religião deve ser, antes de tudo, individual». *Fieis* e *não fieis*, teeem direito a gosar dentro da lei a liberdade que a todos aproveita. E só neste acordo as sociedades se afirmam, o seu carater se apura, o seu progresso se acentua. Os Estados não se constituiram para impor ou guerrear crenças, ou para definir principios de teologia. Alguns dos proprios elementos graduados da Egreja, dos mais liberais, o reconhecem, quando afirmam, com o arcebispo de Cremona «que todos os povos civilisados se encaminham para o separatismo, como para o unico regimen amanhã possivel.»

Banidos, por contraproducentes, sofisticos, os sistemas da *Egreja livre no Estado livre*, da *Egreja livre no Estado neutro*, em que, definitivo, só a Egreja domina e a teocracia impera—impõe-se a formula da *Egreja livre no Estado vigilante*. Este é principio fundamental do nosso separatismo. Pondo em vigor todas as atribuições civilistas da extinta monarquia, marcando á egreja a amplitude dos seus direitos e deveres a dentro da atividade que lhe incumbe, a grandiosa lei de 20 de abril de 1911 tão sómente procurou adstringir as crenças e os seus ministros ao que licitamente lhes compete. Os proprios preceitos marcadamente coercitivos do catolicismo, e que se dizem deles atentatorios, não são mais que o antigo jurisdicionalismo restaurado. O novo regimen não buscou atacar o padre; procurou defender-se do padre. Foi a propria egreja catolica que pelos seus abusos, pelas suas intromissões, pelo desvio aberrativo do seu sacerdocio, ditou á Republica os termos do seu divorcio.

O jesuitismo, triunfante em Roma, dominante no mundo, empolgára os bispos, escravizára, por eles, o padre nacional. Os gremios religiosos aliados da Companhia, eram um instrumento da sua ambição. Demonstrei num livro recente—*A Egreja, as congregações e a Republica—A separação e as suas causas*—o modo como toda essa densa mole internacional pervertera as crenças sinceras, se afundara em vicios inconfessaveis. A politica e o lucro eram os fulcros em torno dos quaes gravitava a atividade da maioria dos nucleos monasticos. Os confissionarios e os pulpitos haviam-se tornado instrumentos de guerra e de combate á democracia. A mulher era aproveitada

como objecto de prazer e arma de influencia. Os colegios religiosos patenteiam factos que a decencia manda calar. Os jesuitas formam partido seu, criam imprensa, insultam e difamam. São eles quem nos seminarios faz ao futuro clero os *exercicios espirituaes*. As suas *congregações* pululam: vão do povo das aldeias ás «senhoras fidalgas» e aos alunos da Universidade. O clero, o clero inerte e ignorante, converte-se num mero joguete da sua ambição, num ludibrio do seus caprichos. O divorcio entre o Estado e a Egreja impunha-se. O banimento congreganista tornou-se inadiavel. Interessavam nele os proprios destinos da nacionalidade independente. O novo regimen expulsou os religiosos, decretou a *separação*.

Fizemos desse notabilissimo documento o estudo que a sua magnitude impõe. E nada encontramos que colida com os principios e interesses confessaveis do catolicismo ou de qualquer crença. A formula das *cultuais*, a *incorporação dos bens* pelo Estado, e as *pensões*—os pontos mais controvertidos do diploma—não apresentam um preceito que seja contraditorio com a vida espiritual da egreja, com a liberdade do sacerdocio, e com a hierarquia eclesiastica. O regimen das *cultuais* é comum no Brazil, subsiste na Alemanha, tem fundas raizes nos gremios portuguezes auxiliares do culto e da assistencia. Documentamo-lo incontroversamente na nossa obra. A apregoada intrusão de elementos hostis ao catolicismo no seio dessas corporações, é ainda um absurdo que a logica e a lei repelem. A *incorporação* pelo Estado dos bens da igreja, é velhissima, consagra-a o Codigo Civil, altos membros da igreja portugueza a reconhecem. As *pensões*, simples sucedaneas das *congruas*, teem sobre elas a vantagem moral de não incidirem diretamente sobre individuos sem crenças ou de crenças adversas.

A propria proibição dos habitos talares, traduz um principio de proteção ao clero, que em todo o diploma é respeitado, salvaguardando-se os seus legitimos direitos, aperfeiçoando-se as condições do seu ensino, sequestrando-o de todas as influencias politicas e mundanas e colocando-o em condições de constituir no futuro um elemento de progresso e uma força a respeitar.

.....

.....

Eurico de Seabra.

MAIS NOTAS E COMENTARIOS

A fortuna de Bebel

A proposito da herança de Bebel, tem o *Socialista*, nos ultimos dias, vomitado insultos sobre os jornaes que se referiram a ela, pondo em cheque as teorias egualitarias do seu autor.

Dizia-se que eram 186 contos. Mas o *Socialista*, porque um jornal estrangeiro, infundadamente lhe deu a compreender que não chegava a esta quantia, esfrega as mãos e julga-se triunfante.

Segundo refere *Le Temps*, esse jornal onde o *Socialista* foi beber seus ultimos alentos, Bebel recebera havia anos uma herança que montava a mais de cem contos, mas de tôda esta fortuna deu metade *á familia* e vinte e tantos contos para obras sociaes.

Por este facto, conclue-se que Babel, só por este lado, usufruia mais de 20 contos. Acresce que tinha varios outros rendimentos, especialisando os que provinham da comparticipação numa fabrica e os da venda dos seus livros.

Onde chegaria tudo isto? Não o diz *Le Temps*.

Em compensação, o *Socialista*, servindo-se de conjeturas, faz iluminações e deita foguetes!

Mas a historia fica de pé: o famoso socialista alemão, que era rico, ensinava uma coisa e praticava outra.

E deixemo-nos de sofismas.

Isto marcha

Não ha duvida de que mudou por completo de rumo a nau do Estado. No final das instituições derruidas, vogando sob o influxo da Divina Providencia, andava aos baldões das ondas politicas, que, alterosas, se levantavam de todos os lados, numa constante ameaça de naufragio. Hoje norteia-a uma bussula de imperturbavel patriotismo. Os nossos estadistas, sob o peso dum sacrificio incalculavel, não trepidam em dedicar-lhe toda a sua energia e boa vontade, todo o seu bem estar e interesses. toda a sua inteligencia e bom nome. Eis a razão por que ela tomou rumo certo e as coisas marcham.

O estrangeiro louva-nos

Com grande satisfação, vemos que, lá fóra, se começou a fazer opinião benevola á raspeito da nossa Republica, o que já não é pouco. Apóz a quéda da monarquia, os estrangeiros encararam-nos de frente e os que nos não hostilisaram, mantiveram-se numa fria indiferença, por motivo de duvida. Talvez uns e outros nos supozessem incorrigiveis. E' que os fidalgos arruinados não perdem facilmente o ruim preceito de gastar á larga. Os tempos mudaram, porem, e com eles a feição dos homens.

Reabilitada a fazenda publica, padrão por onde se aquilatam as qualidades de bom senso dum povo, todos, lá de fóra, ainda os nossos mais ferrenhos adversarios, começam de fazer-nos justiça, enaltecendo sobremaneira a obra ingente do grande estadista que hoje sobraça a pasta das finanças.

E é assim que o Paiz se levanta e não á custa de subsidios que o Estado noutros tempos estipulava aos diarios mundiais para nos elogiarem a tanto por linha.

A batota

O jogo, ora, o jogo foi um ar que lhe deu. Que era impossivel extermina-lo, que os grandes caciques fariam imposições, que as praias não transigiriam, que a policia era fatalmente ludibriada, e que o jogo continuaria a ser o que sempre foi. Que muitos estadistas de envergadura se abanlançaram a exterminar tal escalracho, e que sempre o fizeram baldadamente.

Mas sobe ao poder o dr. Afonso Costa, que, na justa compreensão dum economista distinto, logo reconhece que para bem da nação se torna absolutamente necessario acabar com tal vicio.

Da maneira como se houve, estão patentes as provas.

Passa a estação balnear e em nenhuma das praias se jogou, nem reconheceu a falta do jogo. Dá-se conta de que um administrador o permitia e logo é demitido. E nem as praias, nem os caciques se impozeram, porque sabiam que o prestigio do grande estadista não cedia ás suas arremetidas.

Questão religiosa

Damos um doce, e dos melhores, a quem nos disser onde pára esta senhora. Desaparecida, nem ao menos a pranteiam os que mais dedicados lhe foram durante muito tempo. Quer-nos parecer que muito houve quem a explorasse, dela vivendo. Hoje, desaparecida como dissemos, nem ao menos ha quem lhe dedique uma palavra.

E' que, de facto, os exploradores reconheceram que malhavam em ferro frio e que o povo, esse bom e generoso povo portuguez, já não corre a foguetes para se impôr de novo o pesadelo que desde longos anos desejava alijar.

E tudo corre ás maravilhas, seguindo cada um as crenças que por direito e razão prefere.

Em Marrocos

Continúa, ás portas da Europa, o morticinio de Marrocos. Raro é o dia em que *nuestros hermanos* deixam de lamentar serios desastres. A situação da Hespanha é talvez peor do que a que tinha no principio da guerra.

Não obstante isso, parece que quasi todos os jornaes hespanhoes teem sentenciado o fim da luta pela força das armas, que, *no dizer dos seus redatores*, se tem acentuado pelo destroço completo do inimigo.

Mas o que é certo é que o inimigo renasce, para eterno tormento da Hespanha!

As lições da historia são sempre preciosas, e essas rezam que até os portuguezes tiveram em Africa o seu Acacer-Kibir.

Frasco de veneno

No jornal *A Republica* ha um redator que diariamente perde a cabeça, falando do ministro da Instrução Publica, dr. Sousa Junior. Estudado, porem, o ataque, logo se descobre que nenhuma razão o norteia. Palavras e mais palavras, mas sempre as mesmas, sob variadas combinações. E' claro que quando não ha factos a discutir, as palavras são unicamente palavras que em coisa nenhuma ofendem ou desconceituam o nobre ministro, antes revelam a podridão que corroe a alma de quem diariamente escreve.

A graça alheia

GALANTEIOS

F. que é feio, passa junto duma dama, que nada tem de bonita, e por habito de galanteador, exclama:

—Que formosa!

A dama volta-se e, vendo-o, replica:

—Sinto não lhe poder dizer o mesmo!

F. com o maior sangue frio:

—Faça como eu. Minta senhora, minta.

NO TRIBUNAL

O Juiz.—O réu feriu a vitima com muita crueldade.

O réu.—Foi culpa dela. Dei-lhe a primeira facada, ela reagiu. E eu dei-lhe então a segunda que a matou. Não fosse idiota.

O Juiz (severo).—Os idiotas são homens como qualquer de nós.

PILHERIAS E ANEDOTAS

Ha em Montmartre uma capela dedicada a um santo que tem fama de tornar bons os maus maridos.

Uma parisiense, pouco satisfeita com o esposo, deliberou dedicar uma novena ao milagroso santo, a fim de ver se ele lhe restituia o marido ao bom caminho.

Ao quarto dia da sua devoção, quando se dirigia para a egreja, vieram a correr chama-la, que o marido morrera.

—Oh! meu querido santo, como tu és bom! exclamou ela, pois até concedes mais do que o que te pedem!

Cartas da serra

A CHUVA E O SEU BLOQUEIO—AGUA, VENTO, GUARDA CHUVA E IMPERMEAVEL.—A MINHA JANELA, O BARRANCO E UMA NEBLINA DE DESALENTO E TRISTEZA—O FOLHEDO DAS ARVORES E ARBUSTOS—UM MAR PROCELOSO EM PLENA SERRA—AGUA E MAIS AGUA OU UMA SINFONIA DE LAGRIMAS—O CHÔRO DAS ARVORES, DAS PEDRAS, DOS REGATOS E DAS RIBEIRAS—VISÕES ESPETRAES E SARABANDAS FUNANDULESCAS—UM POUCO DE FILOSOFIA ÁCERCA DA LAGRIMA E DO PRANTO—O QUE DIZEM OS ETIMOLOGISTAS—DIVAGAÇÕES FILOLOGICAS—UM COMPOSTO CELTICO-GREGO LATINO—O PRANTO DOS LATINOS, DOS FRANCEZES E DOS ITALIANOS—CORNEILLE E AS LAGRIMAS DO SECSO FRAGIL—SCIPIÃO E A ARMADA CARTAGINEZA—RACINE E CLÉOFILO, MADAME DE SÉVIGNÉ E SUA FILHA—CARATERISTICOS DIFERENCIAES ENTRE O PRANTO E A LAGRIMA—PLINIO E DEMEU E O PARECER ÁCERCA DA LAGRIMA—ANDROMACA E HERMIONE, CEZAR E AS CINZAS DE POMPEU, CORNELIA E XÉRXES—NA TERRA E NO INFERNO—UM PROVERBIO HESPANHOL—JOB, JEHOVAH E AS LAGRIMAS DE CROCODILO E ETC ETC.

Decididamente a chuva não quer largar-nos.

Bloqueia-nos, assedia-nos, cerca-nos com os seus grossos cordões aquaticos, forçando-nos a permanecer em casa, dada a impossibilidade de transitar por esses caminhos fustigados pelo vento e pela agua e onde não ha guarda-chuva que resista nem impermeavel que preste bons serviços.

E tem chovido a valer.

Por vezes, da minha janela, que domina o barranco, eu tenho visto toda a paizagem velada como que por um veo enorme de tristeza, por uma neblina de desalento, enervante e doentia.

Então o folhedo das arvores e arbustos batido pela chuva fustigante e agitado pelo vento, ondula qual mar proceloso, cujos bramidos, ecoando de quebrada em quebrada através da serrania, chegam até nós como estertorosos gemidos de agonisantes.

A tiritar, a passarada busca abrigar-se sob as mais espessas ramarias; cessa o transito já espacejado dos caminhos e ao som do monotono rouquido da ventania, a chuva cae implacavel, deixando escorrer por toda a parte as suas incessantes lagrimas.

Pode dizer-se que em volta de nós resôa um lamentoso pranto, uma angustiosa sinfonia de lagrimas.

Choram as as arvores castigadas pela invernia; choram as pedras reluzindo, como que envernizadas pela agua; choram regatos e ribeiras...

E' triste e desolador o quadro e de uma influencia doentia e hamelêrica.

Sugére visões espetraes, sudarios ondulando sob a escuridão das nuvens, sarabandas funambulescas de lémures e vampiros.

Mas, visto que o tempo não nos consente passear, recreando o espirito com os salutares aspetos da natureza e refrescando os pulmões com o bom ar da montanha, coádo atravez dos esplendores desta vegetação pululante, filosofemos um pouco acerca da lagrima e do pranto.

Vajamos o que dizem os mestres a respeito de tão divertido assunto:

Segundo os etimologistas, do primitivo e celtico *ac*, agua, e do celtico *rum*, *rym*, pequeno, formaram os gregos *dacruma*, e os latinos *lacryma*, lagrimas.

Os celtas diziam *daigr*.

A lagrima não é mais do que uma gota de agua. Pede-se uma *lagrima* ou uma gota de licor, quando ha cerimonia...

De *pla*, onomatopêa, grito lamentoso, formaram os latinos *plauctus*, *ploratus*, pranto, gemido, lamento.

Os francezes dão á palavra *pleur* a significação particular de lagrima, assim como os italianos a *pianto*, mas o sentido primitivo e proprio da palavra é grito ou sinal flagrante de dor.

Por muito tempo *pranto* se empregou apenas na acéção de grande luto.

Corneille teve muita razão em afirmar que «as lagrimas duma amante valem sempre mais do que os mais poderosos discursos».

Quando Scipião mandou queimar a armada cartagineza no proprio porto, tão miserando espetaculo só causou *prantos e lamentações*.

Racine fala-nos do *pranto* de Cléofilo e madame de Sévigné conta-nos que sua filha, quando estava de mau humor, chorava em altos gritos excessivamente dolorosos.

Era o *pranto* com todo o seu cortejo.

A *lagrima*, todavia, é apenas a denominação propria do humor limpido que a compressão dos musculos faz sair do saco lacrimal e escorrer do olho.

O *pranto*, palavra desviada da sua significação natural, designa uma especie particular e uma grande abundancia de *lagrimas* ou *lagrimas* abundantes, acompanhadas de gritos, de suspiros, de lamentações e de outros carateristicos dolorosos.

O riso e a alegria, tal como a tristeza e a dor, podem fazer correr as *lagrimas*.

Estas realçam, muitas vezes, a beleza; o *choro* ou *pranto* desfiguram-na, ridicularizam-na.

Não ha nada mais doce do que suaves lagrimas; no *pranto* tudo é amargo. As *lagrimas* aliviam a dor, o pranto aumenta-a.

O primeiro *choro* das creanças, diz Rousseau, é uma suplica; a sua dor implora o nosso socorro.

O homem duro nunca derrama *lagrimas*; pranteia-se e nem uma *lagrima* cairá sobre ele.

A sensibilidade, a piedade, a ternura e todas as paixões suaves expandem-se em *lagrimas*; a colera, o furor, o desespero e as paixões violentas expandem-se apenas em *prantos*, só se exteriorisam em choros.

Plinio o *Antigo* distinguia muito bem as *lagrimas* de misericordia das outras diversas especies de lagrimas e especialmente daquelas a que nós chamamos *pranto*.

Nós dizemos *choros de raiva* e *lagrimas de alegria*. Demeu, ha muitos seculos, já dizia: Lacrumo gaudio!

Andromaca derramou lagrimas. Hermione só teve *prantos*. Andromaca sentiu correr as lagrimas; o amor maternal derramou-as para excitar uma piedade generosa.

Hermione, impulsionada pelo furor, sentiu-se incapaz de chorar.

Cezar regou com lagrimas as cinzas de Pompeu. Carnelia não conseguiu derramar lagrimas, mas ambicionou vomitar chamas.

Por volubilidade e inconsequencia natural do espirito, Xérxes, que acabava de estremecer de alegria á vista da sua numerosa armada, chorou, depois, copiosamente, ao considerar que talvez dali a pouco, de tantos homens, não existisse um só.

Vão e ambicioso tirano! Ia precipitar-lhes o destino e o seu coração endurecido não lhe inspirava o horror de tal intento, inexpiavel por mais *prantos* que derramasse!

O arrependimento sincero dá-nos lagrimas; o remorso atormentador dá *prantos*.

Ha *lagrimas* em toda a parte onde existem representantes da humanidade. No inferno e em tudo quanto sobre a terra se lhe assemelhe apenas haverá *prantos!*

Nada séca mais depressa do que as *lagrimas*, dizia Apolonio; nada é mais facil de provocar do que o *pranto*.

Lagrimas de mulher, diz um proverbio hespanhol, valem muito e custam pouco; os prantos dos homens valem pouco e custam muito.

Job, o maior chorão de todos os tempos, derramou as mais substanciosas e chorudas lagrimas de que ha memoria.

Em todos os tempos a lagrima foi livre: lagrimas de crocodilo existiram desde que Jehovah num infeliz momento de mau humor, creou o primeiro homem.

Mas como o tempo estiou e o sol já quer espreitar-nos atravez das ramagens polvilhadss de prata liquida, guardemos para outra vez um pouco de filosofia ácerca das lagrimas de crocodilo...

Lisandro.

POETAS

O GENIO E A INVEJA

Doirava o sol, no ocaso, as nuvens côr de rosa,
Sacudindo na vaga a juva luminosa.

Afonso de Albuquerque, o grande capitão,
Regressava de Ormuz, ufano o coração
Pela conquista audaz, e já cravando a vista
Sobre Gôa—a soberba outra maior conquista!
E depois a Malaca!... e depois desviar
As correntes do Nilo, e assim exterminar
O turco assolador, o inimigo mortal,
Dando um imperio novo ao velho Portugal!

Naquele seio inquieto andavam a lutar
As ondas da ambição como as do vasto mar!
E, em quanto o seu olhar no imenso se perdia,
Na sombra do gigante a inveja remordia!

BULHÃO PATO.

Instrução primaria

Ao sr. Sub-delegado de Saude de Olhão:

Por decreto de 30 de agosto de 1913, publicado no *Diario do Governo* n.º 206, de 3 de setembro de 1913, foi cedida á camara a casa do sacristão e o quintal anexo á mesma, afim de ser instalada a guarda republicana que for destinada para Olhão.

Lamentamos que isto se dê, porque, tanto a casa do presbitero como o seu quintal e a casa do sacristão foram cedidas por decreto de 4 de janeiro de 1913 para a instalação da escola central masculina da mesma vila, e porque alem da guarda republicana ser uma visinhança perigosa em toda a sua extenção á higiene da escola, vae privar esta de ter um bom quintal para o recreio das creanças o que é por lei absolutamente indispensavel. O decreto acima indicado diz, «que a referida cedencia terá logar, se não houver prejuizo de qualquer determinação ou consulta da competente autoridade sanitaria, que a camara ouvirá *antes da instalação do quartel na proximidade da escola*».

E' pois ao sr. Sub-delegado de saude que competirá a boa ou má sentença em relação aos direitos e interesses das creanças escolares masculinas de Olhão. Chamamos neste caso a sua voliosa atenção para esta causa assaz justa e melindrosa.

EXPEDIENTE

Em virtude de varios dos nossos assinantes de fóra terem em atrazo os seus recibos, mandamos agora proceder á cobrança relativa a esses mesmos assinantes, esperançados em que satisfaçam o pagamento, para assim nos evitarem maiores despezas e embaraços na escrituração.

Evidentemente, *O Heraldo* é um jornal que vive, como todos os outros, do bom acolhimento dos seus assinantes, mas sucede ainda que, por ser bi-semanal e de formato maior do que o vulgar em jornaes de provincia, acarreta aos seus diretores serios prejuizos, visto que a receita é inferior á despeza.

Nestes termos, a administração do *Heraldo* solicita destes seus presados assinantes o obsequio de não tornarem a devolver os recibos que novamente lhes vão ser apresentados ou a respeito dos quaes terão das respetivas estações de correio os competentes avisos.

UMA CARTA

Pedem-nos a publicação da seguinte carta:

«...*sr. dr. João Pedro de Sousa.*

Vendo uma noticia desta localidade no vosso jornal do dia 10 do corrente, sou a declarar ser falso tal facto que lá se conta, no que me diz respeito.

Tenho tido e tenho a maxima consideração para com esses individuos que escreveram tal comunicado, mas o que não posso consentir, seja a quem quer que seja, é que digam a meu respeito coisas que nunca se passaram.

A declaração, se é que lhe querem chamar declaração, *mas eu chamo-lhe oficio*, foi a que fiz na administração do concelho de Faro, pedindo ao sr. administrador, que era então o sr. conde do Cabo de Santa Maria, para que não seguisse para o sr. dr. Juiz de Direito o processo que eu queria fazer contra o sr. Antonio Feria, porque nos harmonisámos e ficámos amigos como antes eramos amigos.

Não houve mais compromissos de especie alguma, como assim o podem dizer os srs. Antonio Feria e dr. Manuel Pedro Guerreiro.

Com isto não fiquem zangados, porque dizer a verdade e só a verdade não custa; o que custa é dizerem aquilo que nunca se deu, nem se pensou.

Se não frequento o *Centro*, é porque assim entendo dever faze-lo; as razões que me assistem são importantissimas e muitos socios tambem sabem quaes elas são.

Mal andaram os individuos que escreveram tal local, e digo *individuos*, falando no plural, por que sei positivamente que foram 3 a escreve-la. Mas em tão má hora a escreveram que só falaram mentira, por estarem mal informados.

Ainda desejava saber *quaes serão os favores que eu devo ao Centro* para me chamarem *ingrato!* Digo-lhes com franqueza, que *ingratos* são esses *individuos* que escreveram... dizendo que o sr. dr. Manuel Pedro Guerreiro é meu *superior no Registo Civil!* Já alguem me viu ocupar tal cargo? *cala-te menino porque é teu superior e não queres ser conhecido.*

Nesta data escrevo ao sr. dr. Guerreiro, pedindo-lhe o favor de publicar a declaração, *oficio*, para os descançar, e depois espelhem-se nela, para que de futuro não digam o que não devem dizer. Falem a verdade e só a verdade, que é o que eu costumo fazer, *como dizem nessa local.*

Feita esta declaração, fico portanto, livre de mais incomodos.

Agredecendo-lhe a publicação destas linhas, sou com a maxima consideração.

S. Braz de Alportel, 13-9-913.

De V...

Antonio Maria Barros Santos.»

POR ESSE ALGARVE

Estoi

Realisou-se aqui no domingo a feira anual, que foi muito concorrida, havendo, como de costume, grandes e muitas transações.

—Vimos aqui o sr. Honorato Santos, de Faro, acompanhado de sua esposa e interessante filhinha.

—De visita ao seu amigo sr. Antonio Francisco de Paula Mendonça, esteve aqui o estudante de medicina sr. Alexandre Bolotinha, de Loulé.

—Esteve aqui de visita a seus estremosos paes, o sr. dr. José Mendonça, acompanhado de sua irmã e sobrinhas, que atualmente se encontram na sua propriedade das Marinhas de Garganta, suburbio de Faro.

—Deve regressar brevemente de Buenos Aires ao convivio dos seus amigos, o nosso particular amigo sr. Luiz de Mendonça Gaziba.

—Vimos de visita ao sr. Palma Viegas, ajudador desta aldeia, o sr. Antonio Mateus, professor oficial na Conceição de Faro.

—Parte brevemente para Coimbra, afim de continuar os seus estudos de medicina, o nosso particular amigo sr. Antonio Francisco de Paula Mendonça.

—Acompanhado de sua esposa, encontra-se na sua propriedade *Quinta da Bemposta*, suburbios desta aldeia, o coronel sr. José Vicente Cansado.

—De visita a seu irmão e cunhada, a sr.ª D. Maria José Afonso Neves, encontra-

FABRICA PROGRESSO FARENSE

DE LADRILHOS MOSAICOS

OS MAIS RESISTENTES, ECONOMICOS E EMBELEZADORES

FABRICO ESPECIAL EM DESENHOS E FEITIOS MODERNO

Deposito de cimentos nacionaes e estrangeiros—Preços sem competencia—Descontos aos revendedores

F. J. PINTO JUNIOR E COMP.ª—FARO

Ninguem mande vir de fóra nem compre noutras casas, sem primeiro visitar esta fabrica

se aqui a sr.ª D. Maria dos Anjos Neves, digna professora oficial do Vila Real de Santo Antonio.

—Tambem aqui esteve, acompanhada de suas interessantes filhas, a sr.ª D. Mariana de Paula Brito Pacheco.

—De visita aos seus amigos drs. José e Antonio Mendonça, esteve aqui o sr. padre Antonio Luiz de Oliveira, aluno da Universidade de Coimbra.

Quarteira

A já muito conhecida companhia dramatica que ha dias aqui se encontra, de que são eximios diretores os srs. Aureliano Serrate e Liduvina dos Anjos, deu-nos em treze do corrente uma significativa demonstração do que pode o seu trabalho e a sua vontade incansavel de artistas, no desempenho do emocionante drama em tres atos

O Filho da Republica

PERSONAGENS

CARLOS DAVID.....	*Aureliano Serrate*
JORGE DAVID.....	*Manuel Molarinho*
O GENERAL.....	*Inacio Augusto*
SIMÃO, COMICO.....	*Alexandre Costa*
SARGENTO RUVINÓ.....	*M.el Candanedo*
PAPÁ-RANCHO-COMICO...	*Candido Pereira*
85 GALAN-TRAVESTI. ..	*A. da Conceição*
ALVORADA-SENTINELA....	*Carlos da Silva*
GINIS-VIBANDEIRA.....	*Maria Serrate*
» »	*L. dos Anjos*
» »	*Aurora dos Anjos*
» »	*Joaquina Serrate*

TITULOS: 1.º ato—*Combate.* 2.º ato—*A Prisão.* 3.º ato—*Implantação da Republica.*

O publico mais seleto não se cançou de aplaudir os artistas, e as enchentes teem sido tantas, quantas o numero de recitas.

—Por iniciativa dos distintos amadores da arte musical, nossos amigos srs. José Alexandre de Oliveira, Ernesto Viegas Martins, Francisco Marques Rola, Higino Bita, Francisco Firmino e Ivo Carlos Mateus, realisou-se aqui na semana passada uma bela serenata, que dilicion sobremaneira os Quarteirenses, sendo todos muito aplaudidos pelo publico, que anciosamente afluiu para gosar as encantadoras musicas que a simpatica *troupe* tão brilhantemente executou.

—O tempo passa, e como é natural, atraindo ás praias em ondas de satisfação e praser, formosas damas e rapazes da fina roda, como os que vemos regorgitar pelas ruas, depois dos atraentes passeios pela formosa praia.

A's 17 horas é digno de ver-se o aspeto do povo que se aglomera na *Avenida* que conduz á beira mar, numa estenção de mais de mil metros em linha reta. Isto está deveras agradavel.

S. Braz do Alportel

Consta-nos que a Junta de Paroquia está fabricando um extenso relatorio a respeito de toda a sua gerencia e que esse magnifico relatorio vae ser traduzido em varias linguas, para depois a Junta o mandar distribuir profusamente por todo o paiz.

Espalhou-se (e ha quem suponha que foi um membro da mesma Junta que o veiu dizer cá fóra) que as contas tinham um deficit de muitas centenas de escudos, mas que, devido à *boa vontade* do sr. João Rosa Beatriz, foi esse deficit reduzido a pouco mais ou menos de 500 escudos.

Este sr. João Rosa Beatriz, que nos dizem estar ahi metido em qualquer parte e que outros, por hasofia, o atiraram para o estrangeiro, ha muito que ninguem lhe põe os olhos em cima. A freguezia regorgita de forasteiros que já vão chegando para assistir ás festas grandiosas e *nunca vistas* que os amigos do mesmo sr. João Rosa Beatriz lhe preparam, para quando ele regressar do exilio, em atenção ao seu *bom nome* e *altissimo carater*.

Chegaram já quatorze filarmonicas, seis pregadores, oito pirotecnicos do Minho e dois regimentos de voluntarios.

Pode dizer-se que S. Braz de Alportel está num vulcão de festas.

O NOSSO NOTICIARIO

Do seu belo *chalet* de S. Pedro de Cintra, regressou a Tavira, acompanhada de seus filhinhos, a sr.ª D. Laura Tavares de Sousa, esposa do sr. dr. Antonio Francisco de Sousa.

= Teem logar amanhã, na importante freguezia de Almancil, grandes festejos civicos, a que assistirão como oradores, num comicio de livre pensamento, os srs. Eurico de Campos, administrador do concelho de Silves, dr. João Barbosa, administrador do concelho de Albufeira, e dr. João Pedro de Sousa, nosso estimado diretor.

= Vimos nesta cidade o sr. dr. João José Sanches e Ponce, ilustre capitão medico de infantaria 4.

= Ainda se encontra em Lisboa o nosso amigo sr. dr. Adelino Furtado, governador civil deste distrito.

= Houve ha dias em Aljezur umas fortes trovoadas, que produziram enormes estragos. As sementeiras de milho e feijão, algumas eiradas, arrozaes, pastagens, etc., tudo ficou perdido.

= Espera-se que por toda a primeira quinzena de outubro venha dar algumas recitas no Teatro Circo desta cidade a companhia do teatro Republica, de Lisboa.

= Seguiram ante-hontem para Lisboa as visceras duma filhinha do sr. J. J. da Silva, a fim de se lhes fazer exame toxicologico, por haver suspeita de envenenamento.

= Esteve em Faro, de visita a sua familia o 1.º tenente da armada sr. Branco e Brito.

= Efetuou-se na segunda feira, dia 15, uma grandiosa merenda democratica nas proximidades da Mina de S. Domingos. Os nossos correligionarios, entre os quaes estava o sr. Urbano Rodrigues, secretario do presidente de conselho, foram alvo de delirantes manifestações. Assistiram á merenda mais de tres mil pessoas.

DIA HISTORICO

Setembro

20—1792—Batalha de Volney.—1820—Nascimento do duque de Bordeus.—1870—Entrada das tropas italianas em Roma.—1886—Morre em Lisboa o general Gilberto Rola, um dos fundadores da Democracia.—1908—Morte do republicano hespanhol Nicolau Salmeron—1911—Chega a Lisboa o dr. Nilo Peçanha, ex-presidente da Republica Brazileira.

21—1506—Diogo de Azambuja toma Cafim em Africa.—1558—Morte do imperador Carlos V.—1761—E' queimado vivo em Lisboa o jesuita Malagrida.—1792—Abertura da Convenção Nacional, em Paris.—1835—São proibidos os enterramentos nos templos portuguezes.—1910—São mandados arquivar todos os processos promovidos pelo *gabinete negro* contra a imprensa.

22—19 (A. C.)—Morte de Virgilio.—1707—Boticher, preso ás ordens do principe do Saxe para não revelar os segredos das suas experiencias, descobre o fabrico da porcelana branca.—179?—A Convenção Nacional proclama a Republica Franceza.—1833—Chegada de D. Maria II a Lisboa.—1910—A Associação do Registo Civil cumprimenta o ministro da justiça dr. Manuel Fratel e oferece-lhe todo o seu apoio.

23—1593—Assalto á fortaleza do Morro.—1738—Morte do medico Beerhaave.—1834—A Serra do Pilar é elevada á categoria de fortaleza.—1836—Morte da celebre cantora Malibran.—1908—A familia de Salmeron recusa aceitar as honras oficiais que o governo hespanhol quer prestar ao eminente chefe republicano e determina que o funeral se realize civilmente.—1910—Realisa-se a ultima abertura das cortes em Portugal.—1911—O dr. Rodrigo Rodrigues toma posse do logar de governador civil do Porto.

CARTEIRA

Fazem anos:

Amanhã, 21—D. Alice Belmira de Novaes, D. Casimira de Brito Guimarães, D. Carolina Casimiro Matoe, D. Maria Raquel Figueiredo, João Capistrano Sequeira e Silva, Francisco Lino Januario, Eduardo Filipe Silva e Antonio Augusto Xavier Gonçalves.

Segunda, 22—D. Maria da Encarnação Travassos Neves Quintino, D. Georgina Fulgencia de Sousa, D. Gabriela dos Santos Moreira, D. Alice Fabricia Canavarro, D. Maria Amelia Lino, D. Elvira Tavares Ramos, Augusto do Carmo Pinto, José Bernardo Alves, Francisco de Sousa Reis, Albino de Mendonça da Costa e o menino João Mauricio Fernandes.

Terça, 23—D. Laura Adelaide Ferreira, D. Julia de Almeida Wenceslau, D. Henriqueta Augusta Mateus, D. Lucia Alberta dos Santos Januario, Augusto Miguel das Mercês, Joaquim Vieira Antunes, José Antonio Viegas, Alfredo Marques Tavares e Filipe de Sousa Reis.

Quarta, 24—D. Maria das Mercês Maldonado, D. Isabel Ataide, D. Maria Soqueira Pacheco, D. Luiza Aboim de Leiria e Andrade, D. Elvira Augusta Moreira, D. Maria Francisca de Campos, João Filipe Arandelo, Antonio Bento da Silva, Carlos Viegas Gonçalves, Filipe Cipriano da Costa e José Augusto Ernesto.

Doentes:

Foi ha dias acometido duma forte ameaça de congestão cerebral o nosso amigo sr. Amilcar Duque. E' certo, porem, que o caso não teve más consequencias e tanto assim que já depois disso tivemos o prazer de o encontrar na rua.

Sentimos o seu incomodo, e felicitamo-lo pelas suas melhoras.

Necrologia:

Faleceu na Luz de Tavira o sr. Pedro Torres de Mendonça, casado, de 51 anos, vereador substituto da camara municipal de Tavira.

Era um velho e sincero republicano.

ELIAS D'A. SABATH

—COM—

Estabelecimento de drogas, ferragens, tintas, vidraça e outros artigos a PREÇOS EXTREMAMENTE CONVIDATIVOS como o proprio freguez poderá verificar.

Ninguem compre sem primeiro visitar este estabelecimento.

RUA D. FRANCISCO GOMES, 18 a 22

PORTAS ENCARNADAS

FARMACIAS

Estão amanhã de serviço as seguintes farmacias:

Moreno Alves, Rua Conselheiro Bivar 84); Anibal Alexandre, (Praça D. Francisco Gomes); Bandeira & Ramos, (Rua D. Francisco Gomes 40).

ANUNCIO

A Camara Municipal de Albufeira anuncia que creou um mercado para gado e generos no quarto domingo de cada mez, no Rocio desta vila.

Albufeira 18 de Setembro de 1913.

O Presidente,

Joaquim Manuel de Mendonça Gouveia.

JOÃO DA SILVA NOBRE

MEDICO-CIRURGIÃO

Ex-interno dos hospitaes de Lisboa

Garganta, nariz e ouvidos — Doenças das senhoras — Tratamento da sifilis e das seções rebeldes pelo 606 de Erlich

Clinica Geral — Operações

CONSULTAS A'S 11 HORAS

ESTUDANTES

Em casa duma senhora edosa e honesta, aceitam-se estudantes a preços razoaveis.

Largo de S. Francisco, n.º 51.

—FARO—

AJUDANTE DE FARMACIA

Precisa-se com boa pratica e boas referencias.

Dá-se bom ordenado mas exige-se estabilidade.

Farmacia Higiene—Faro.

EXPLICADORES

Joaquim Neves, com longa pratica de linguas, e Raul Calazans, com o 7.º ano de ciencias, explicam por preços razoaveis todas as disciplinas do curso geral dos liceus. Largo do Liceu—FARO

ESTUDANTES

Recebem-se, bom tratamento, casa higienica, perto do liceu.

Para tratar na Rua Rasquinho, n.º 21.—FARO

JOÃO PEDRO DE SOUSA

ADVOGADO

ESCRITORIOS { Rua de Santo Antonio, 6 / Largo 1.º de Dezembro, 27

Morada—R. do Pé da Cruz, 16

FARO

ESTUDANTES

Recebem-se por preços modicos, boa comida, quartos e rigorosa vigilancia nos seus estudos e comportamento. Dirigir á Rua Castilho n.º 9, 1.º FARO.

FABRICA INDUSTRIAL 1.º DE MAIO

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL

FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE

DE

MANOEL CARVALHO

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 166

—FARO—

Construção de poços Artezianos—Vendem-se materiaes para os mesmos

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis.

Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição.

Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas.

Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fabrica

FARMACIA HIGIENE DE FARO

Diretor tecnico—JOSÉ GONÇALVES BANDEIRA

RUA IVENS 22—RUA TENENTE VALADIM 17

ESPECIALIDADES RECOMENDAVEIS

(Exigir sempre o nome do preparador JOSÉ G. BANDEIRA)

CONTRECZEMA

Empregado com sucesso em:

ECZEMAS-PSORIASIS

HERPES-DERMATOSES

POMADA RESOLUTIVA

Doenças em que o seu uso dá optimos resultados:

Flegmatia alba dolens, linfagite, furunculose, reumatismo, entorses etc., etc.

Portanto em todas as doenças inflamatorias e dolorosas deve sempre empregar-se

Esta farmacia acha-se tambem habilitada a fornecer de pronto qualquer medicamento; preparado ou penso asseisado, para o que se encontra fornecido com todos os aparelhos modernos necessarios para as manipulações de assepsia.

HORARIO DOS COMBOIOS

LISBOA	PORTIMÃO	TUNES	LOULÉ	FARO	Sentido da marcha	FARO	OLHÃO	TAVIRA	VILA REAL	Natureza do comboio
20.40	7.15	6.10	6.50	7.14	Des.to	7.24	7.40	8.20	9	Correio
17.5	10.25	9.18	8.25	8.5	Asc.to	7.55	7.42	7.8	6.30	Rápido
17 5	8	—	—	—	»	—	—	—	—	»
—	6.20	7.56	9	9.44	Des.te	9.55	10.22	11.19	12.25	Tr.
—	—	—	—	—	Asc.to	10.45	10.20	9 22	8.10	»
—	—	—	—	—	Des.to	12.10	12.31	—	—	»
—	—	—	—	—	Asc.te	13.21	13	—	—	»
—	19 20	17.41	16.45	16	»	—	—	—	—	»
—	—	—	—	—	Des.te	16.15	16.44	17.42	18.50	»
—	—	—	—	—	Asc.te	17.6	16.41	15.40	14.30	»
6.40	21.15	20.15	19.11	18.45	»	18.37	18.24	17.47	17	Correio
6.40	18 30	—	—		»	—	—	—	—	»
9.10	16.20	17.50	18.24	18.44	Des.te	18.55	19.10	19.44	20.20	Rápido
9.10	19.20	—	—	—	»	—	—	—	—	»
—	18.30	20	21.3	21 35	»	22.5	22.29	23.34	0.30	Misto
—	—	—	—	—	Asc.te	23 35	23.22	22.30	21.30	»

PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros—CAPITAL 1.000:000$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

Seguros contra fogo—Seguros maritimos—Seguros de cristais—Seguros contra roubos—Seguros postaes—Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Séde—Rua do Alecrim, 10—LISBOA

Representante em Faro, MANUEL FRANCISCO COSTA

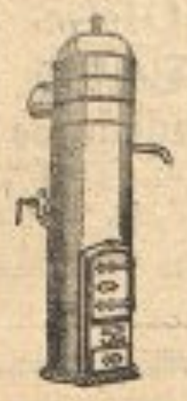
LATOARIA PONTE

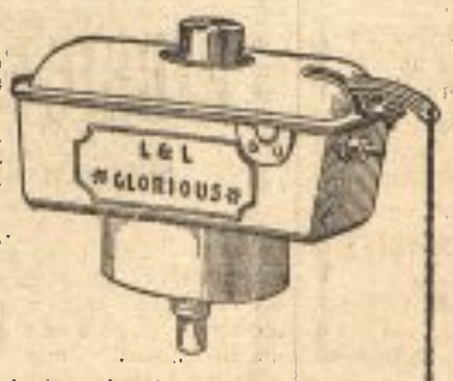
Sucessor de JOÃO F. X. da SILVA REIS

CASA FUNDADA EM 1889

R. Conselheiro Bivar, 3 — Avenida da Republica, 2

FARO





Especialidade em esquentadores para banho, em cobre polido, sistema francez, o melhor, mais economico e perfeito que até hoje tem apparecido.

Manufatura de gazometros e candieiros para gaz acetilene, dos mais praticos e perfeitos. Encarrega-se da montagem dos mesmos em qualquer terra da provincia.

Especialidade em bombas de todas as qualidades as quaes se vendem pelos preços das fabricas.

Instalações completas para agua, em tubo de chumbo ou de ferro.

Especialidade em autoclismos inglezes em ferro fundido, sem valvula, de efeito seguro.

Especialidade em ferros de soldar a gazolina, sistema alemão, o melhor e de maior resistencia até hoje conhecido.

Torneiras de latão de todas as qualidades, folha de flandres, zinco, ferro zincado, tubos de chumbo, de latão e de ferro, em todas as grossuras, latão e cobre em folha. Estes artigos vendem-se a retalho ou em quantidade, a

PREÇOS SEM COMPETENCIA

SECÇÃO ESPECIAL DE VENDAS POR ATACADO

A PRAZOS E A PRONTO PAGAMENTO

Expedição de qualquer encomenda com a maior brevidade

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

LABORATORIO DE FARMACIA

BANDEIRA & RAMOS

DIRETORES PROPRIETARIOS = FARMACEUTICOS PELA ESCOLA DE LISBOA

SUCESSORES DA ANTIGA FARMACIA PIRES

FUNDADA EM 1805

RUA D. FRANCISCO GOMES, 40, 42 E 44

FARO

Fornecimento para Farmacias, Hospitaes e Laboratorios

Tisana de Zittmann, formula modificada do dr. Constantino Cumano

Unicos agentes depositarios no Algarve das

AGUAS DE VIDAGO: — (Vidago, Vidago n.º 2 e Sabroso)

DA CURIA E DE VERIM (Espido) — EXTRATO HEROICO

IMPORTAÇÃO DIRECTA

PREÇOS MODICOS

(Extrato fluido de origem vegetal)

Preparado pelo farmaceutico **Antonio Cardita**

O extrato heroico não é toxico e tem uma notavel acção hemostatica, sendo simultaneamente, um poderoso anti-anorexico e tonico geral. E', por isso aconselhada não só aos tuberculosos, como aos anemicos, neurastenicos aos que sofrem da falta de apetite e aos debilitados por enfermidades prolongadas.

A SIFILIS É EVITAVEL

COM A POMADA HERMESIL

Preventivo contra as doenças venereas, ainda que empregado 5 horas depois do coito suspeito.

Aos revendedores e maiores compradores concedemos, quanto ás aguas, o mesmo desconto que dá os depositos de Lisboa, ficando a cargo do comprador o frete e o porte do caminho de ferro, que são, respectivamente, 80 réis 240 réis por cada caixa, desde Faro a qualquer estação até Villa Real de Santo Antonio ou Villa Nova de Portimão; despeza esta consideravelmente menor do que vindo as aguas directamente de Lisboa, pois n'este caso regula por 1$060 réis.

Requisitando-as do nosso deposito, ha tambem a vantagem de as receberem quasi de um dia para o outro; e da não menos importante circunstancia da reducção da despeza resulta poderem-se vender ao publico, em qualquer ponto do Algarve, pelos preços de Lisboa.

A ROUPA QUE VESTE A HUMANIDADE FOI COSIDA COM A MACHINA SINGER

A SUPREMACIA DA

MACHINA SINGER

tem sido sustentada e augmentada durante quarenta annos e em actividade passou de

DOIS MILHÕES DE MACHINAS SINGER

ao que se fabricam e vendem actualmente

A ULTIMA CREAÇÃO EM MACHINAS PARA COSER

É A

SINGER "66"

QUE REPRESENTA O RESULTADO DOS CONSTANTES ESFORÇOS EMPREGADOS DURANTE CINQUENTA ANNOS PARA MELHORAR AS MACHINAS PARA COSER, REUNINDO-LHES QUANTOS APERFEIÇOAMENTOS PODEM SER DE UTILIDADE PRATICA

Estabelecimentos SINGER em todas as cidades do mundo

RUA D. FRANCISCO GOMES, 33 FARO

LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE ANTONIO DOS SANTOS CAPELLA

AGENCIA DE PUBLICAÇÕES LITERARIAS

RUA DA MARINHA N.º 15 — FARO

Fornecimento completo de livros necessarios em todos os colegios e liceus

Neste estabelecimento vendem-se e compram-se todos os livros para escolas e liceus, romances e obras cientificas. Recebem-se diariamente todos as novidades literarias, jornaes de modas, figurinos e publicações.

GRANDE SORTIMENTO EM BILHETES POSTAES

Assinaturas permanentes de todos os romances e mais obras.—Descontos aos revendedores e estudantes.—Encadernações a preços resumidos.

Agente das principaes casas de Lisboa. Não comprem nem vendam livros novos ou usados sem primeiro visitarem a Livraria das novidades—FARO.

Recebem-se pedidos acompanhados da respetiva importancia.

ENSINO TEORICO E PRATICO

Livros escolares do professor DR. RIBEIRO NOBRE

Tratado de Quimica Elementar (7.ª Edição). Um volume de 400 páginas no formato 22×15cm com 123 gravuras. (PREÇO—1$500 réis.

Lições de Fisica do curso geral dos liceus e escolas normais (11.ª Edição). Um volume de 396 páginas no formato 22×15cm com 400 gravuras. PREÇO—1$900 réis.

Tratado de Fisica Elementar (8.ª Edição). Um volume de IV 764 páginas no formato 22×15cm com 752 gravuras PREÇO—1$800

TABELA DA EMPREZA FUNERARIA FARENSE

DE

FRANCISCO VICENTE FERNANDES

SUCESSOR DE FERNANDES & FERNANDES

FARO

Previne o publico que se encontra habilitada e em melhores condições do que a firma antecedente a servir todas as familias enlutadas que se queiram dirigir a esta agencia ou representantes, como em Olhão, Antonio dos Santos; em Santa Barbara de Nexe, Antonio Murta; em Estoi, Cristovão de Sousa Barros; em Loulé, José Martins; em S. Braz de Alportel, Domingos Dias Neto, em Tavira, Domingos José Soares; em Vila Real de Santo Antonio, Francisco Néné; em Silves, Vicente do Carmo; e em Albufeira, Antonio Marrachinho.

FUNERARS COMPLETOS	LOCALIDADES E PREÇOS	
N.º 1—Urna de mogno, caixão de chumbo, carro funerario de 1.ª, berlinda funeraria, eça de 1.ª na egreja (só em Faro) pano de cruz de 1.ª, cera, homens precisos para o funeral, despacho do enterro, berlas para convidados, etc.	FARO	98$000 réis.
	OLHÃO, SANTA BARBARA e ESTOI	100$000 réis.
	LOULÉ, S. BRAZ e FUZETA	108$000 rois.
	ALBUFEIRA	112$000 réis
	TAVIRA	118$000 réis.
	SILVES e VILA REAL	130$000 réis.
N.º 2—Nas mesmas condições, substituindo a urna por caixão de veludo dourado.	FARO	70$000 réis.
	OLHÃO, SANTA BARBARA e ESTOI	73$000 réis.
	LOULÉ, S. BRAZ e FUZETA	80$000 réis
	ALBUFEIRA	84$000 réis
	TAVIRA	90$000 réis.
	SILVES e VILA REAL	110$000 réis.
N.º 3—Nas mesmas condições, sem caixão de chumbo.	FARO	40$000 réis.
	OLHÃO, SANTA BARBARA e ESTOI	45$000 réis.
	LOULÉ S. BRAZ e FUZETA	50$000 réis.
	ALBUFEIRA	51$000 réis
	TAVIRA	60$000 réis
	SILVES e VILA REAL	70$000 réis.
N.º 4—Caixão de veludo liso, berlinda para tudo do funeral nas mesmas condições sem eça.	FARO	18$000 réis.
	OLHÃO, SANTA BARBARA e ESTOI	23$000 réis.
	LOULÉ, S. BRAZ e FUZETA	26$000 réis.
	TAVIRA	36$000 réis.
N.º 5—Carro funerario á mão, caixão de maninho gaufré, pano de cruz de 2.ª, sem eça na egreja	FARO	12$000 réis.
N.º 6—Carro pobre, caixão liso, homens, etc. (só em precarias circunstâncias.)	FARO	5$800 réis.
N.º 7—Carro pobre, caixão liso, pintado por dentro, homens, etc.	FARO	4$900 réis.

TABELA DE CARROS FUNERARIOS

Designação das localidades (56 por 24 horas)	Carro funerario á mão	Berlinda funeraria para tudo	Carro funerario de 2.ª e berlinda	Carro funerario de 1.ª e berlinda
FARO e arredores	3$000 8$500	9$000	10$000	15$000
OLHÃO, ESTOI, SANTA BARBARA, ALMANCIL e PECHÃO	6$000	10$000	15$000	20$000
S. BRAZ, LOULÉ, MONCARAPACHO e FUZETA	8$000	15$000	18$000	22$000
ALBUFEIRA, ROLIQUEIME e TAVIRA			20$000	26$000
PORTIMÃO, VILA REAL DE SANTO ANTONIO, CASTRO MARIM, LAGOA, SILVES e PÊRA			25$000	30$000
LAGOS e MONCHIQUE			3 $000	35$000

Urnas de mogno para adultos, desde 35$000 a 250$000 réis.

Ditas para menores, desde 7$000 a 54$000 réis.

Caixões para adultos, desde 2$700 réis, e para menores desde 800 réis.

Nos enterros grandes póde haver um excesso em uma urna moldada ou um pedido de mais uma berlinda

PREÇOS FIXOS

ATENÇÃO: É conveniente em qualquer caso que se dê dirigirem-se logo a esta agencia e não a qualquer pessoa que veste os corpos para não encontrarem alterações de preços